Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 202 • Uberaba/MG • de 8 a 14 de abril de 2002

capa: André Azevedo e Leonardo Bolonni

CARNIFICINA

CORPO DA IMPRENSA ENCONTRADO ESPIRRANDO SANGUE

ESPECIALISTAS ANALISAM A VIOLÊNCIA NA MÍDIA

issuu-downloader.com

Paródia

Os três porquinhos

montagem: André Azevedo

Marcelo Alves de Freitas
3º período de Publicidade

Jô Soares, Faustão e Ratinho eram três porquinhos da granja que viviam em uma cidadezinha chamada Audiência. Na cidade, cada um tinha uma casa: Jô com sua casa de intelectualidade, porém voltado para crítica dos leigos; Faustão com sua casa de descaso e louco para se aposentar; e Ratinho, o mais sujo de todos, com os mais negativos exemplos da TV brasileira.

Existia um lobo mau que se chamava IBOPE que, em 2002, acabou com a péssima influência da mídia para a população. Hoje, em 2010, o IBOPE nos conta como derrotou os três porquinhos:

– Atualmente, só temos programas criativos e educativos. Naquela época, se tinha o contrário. Primeiro, eu soprei a casinha do porco ratinho que só fazia baixarias, depois a casinha do porco Faustão que queria aposentar e não tinha nada de criativo e por último a casinha do porquinho Jô que só usava sua sabedoria para criticar ao contrário de ajudar. Mas a culpa de tudo isso foi da mãe deles: "A falta de compromisso com o público", que hoje está enterrada juntamente com a má criatividade e cultura da TV brasileira.

OMBUDSMAN

Qualidade e competência - II

Newton Luís Mamede

A importância e a amplitude deste tema não se esgotam apenas num artigo. A insistência no papel da universidade de formar profissionais capazes e eficientes, de nível superior, é necessária para a permanente memória dessa responsabilidade. A universidade não pode negligenciar a formação completa, que alia a ciência à prática, conforme expusemos no texto anterior. A universidade não pode dedicar-se à formação unilateral. Apegar-se à pura especulação, à teoria, à ciência abstrata, e desprezar a prática, o treinamento para o pronto exercício profissional, é trabalhar numa espécie de *platonismo*, de dedicação exclusiva às idéias.

Ater-se apenas à prática, ao desempenho imediato de habilidades, é rebaixar-se ao *empirismo*, ao conhecimento superficial com base em repetições, em automatismos

Nem, tampouco, pode ser a universidade uma simples escola técnica. Ater-se apenas à prática, ao desempenho imediato de habilidades, é rebaixar-se ao *empirismo*, ao conhecimento superficial com base em repetições, em automatismos.

O conhecimento sólido, ideal, praticado na universidade, é complexo, é bilateral. Precisa da fundamentação teórica, do aprofundamento científico, da superioridade intelectual, para que seja capaz de explicar os fenômenos com a inteligência e a consciência do ser racional. Mas precisa, também, do pragmatismo, para capacitar, habilitar o profissional que a universidade prepara e forma para lançar no mercado de trabalho. Pragmatismo que não pode restringir-se a meros estágios curriculares. Conforme o afirmamos anteriormente, *a competitividade, hoje, não depende apenas da qualificação universitária ou da habilitação legal*. Essa qualificação e habilitação somente alcançam seu sentido pleno se formarem o profissional pronto, apto para trabalhar eficientemente. Com qualidade e competência. O profissional completo.

A formação universitária completa, com base na teoria científica e profunda, e na aplicação prática de conhecimentos, precisa ser atacada e *dinamizada*. Não pode ser uma formação vazia. A universidade não pode deixar que ocorram as inversões de valores que reportam ao passado, permitindo que pedreiros saibam mais que engenheiros civis; que mecânicos de oficinas saibam mais que engenheiros mecânicos; que curandeiros, benzedeiras e vovós saibam mais que médicos; que *práticos* saibam mais que odontólogos; que rábulas saibam mais que advogados. E outros desvios.

Mais uma vez, afirmamos que não pode ocorrer a contradição *da* e *na* universidade. Ela não pode ser a contradição da ciência, ofuscando e obstruindo a liberdade do pensamento e a superioridade da razão, nem pode sucumbir à prática do automatismo, do empirismo, do conhecimento vulgar. A competência e a qualidade a que ela visa devem convergir, necessariamente, para a formação plena e segura de profissionais dotados do saber científico e da eficiência imediata na produção de resultado. Perseguir esse objetivo, essa meta, é a essência da universidade. Da universidade ideal.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Distribuição: Assessoria de Imprensa • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Jornal da Manhã
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8952 • • • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

Educação

Um passo para a liberdade

Educar é uma arte. Arte que se aprende desde o berço, no colo da família, e se estende na vida em sociedade

arquivo Revelação

Educação é um meio de desenvolver o seu potencial criativo

Margarida Ribeiro
7º período de Jornalismo

Normalmente considera-se educado quem sabe tratar bem as pessoas, falar bem, aquele que lê e escreve. Estes são apenas alguns, entre os vários conceitos que damos à educação; aceita-se até mesmo como uma herança dos pais -"é o que eu posso dar aos meus filhos e ninguém rouba".

Para visualizarmos um pouco o cenário educativo de nossa realidade, limitaremos esta "prosa" discutindo o atual sistema formal de ensino. Somos convidados a "olhar", como diz Rubem Alves, a forma de que é priorizada a educação integral do cidadão brasileiro.

Conforme depoimento de alguns profissionais da área, a educação é um setor de grande desafio. Para a professora de Didática geral da Escola São Judas, Ana Ercília a educação tem muito a desejar. "Embora exista muitas propostas e leis que falem deste direito para todos, a maioria não têm as mesmas oportunidades. Falam em educação para a igualdade para a libertação, mas isto não acontece. As escolas privadas têm o privilegio de conteúdos e métodos avançados. Seus recursos são maiores que uma escola publica. Ainda é uma educação preconceituosa e elitista. Falta muito pra conseguir formar cidadãos participativos críticos que possam atuar na sociedade de forma digna"diz Ercília.

Vivemos momentos difíceis de mudanças e, junto com as grandes descobertas e conquistas do ser humano, acontecem gravíssimas conseqüências em que o povo, sobretudo os excluídos são os mais atingidos. A reversão deste quadro excludente, está na educação integral de todas as pessoas.

Para a vice diretora do Colégio Nossa Senhora das Dores, Marta Fabri, a educação é um meio em que a pessoa desenvolve o seu potencial criativo. Portanto, é um processo permanente que inicia com o nascimento e conseqüentemente perdura por toda vida. "Buscamos através da educação, melhorar a pessoa humana dando condições para que possa se integrar no meio social, no meio cultural, que seja um cidadão responsável e respeitado". Este é um meio do cidadão ser cada dia melhor, mais participativo, em condições de ajudar a construir uma história mais humana e democrática.

Nos dias de hoje podemos pensar no processo de educação de uma maneira mais complexa, uma vez que as necessidades do mundo atual e as exigências são também mais complexas. Vivemos um período de transformações violentas, rápidas e, a educação naturalmente tem que colocar o homem em contado com toda essas gamas de informações, com todo esse mundo de mudanças. Não é fácil nos dias de hoje falar num processo de comunicação que não atenda as exigências do mundo atual, e tudo o que a sociedade moderna vem trazendo pra todos nós no plano social, psíquico e afetivo.

Também a professora do ensino fundamental e aluna do terceiro período de pedagogia especial Gláucia Aparecida, reforça a importância de levar os alunos a pensarem na realidade, e se sentirem agente de transformação e não simples ouvinte ou observador dos fenômenos que nos envolvem.

Conforme os escritos de Monsenhor Juvenal Arduini no livro Homem libertação em 1972, a educação "É um fenômeno ambíguo. Não basta que exista educação para que um povo tenha seu destino garantido é preciso determinar o teor da educacional para que se saiba em que direção está caminhando ou deixando de caminhar uma nação... Com efeito, a educação pode provocar a revolução libertadora do homem, como pode alimentar a sua alienação. Muitos estruturam a educação apenas como forma de controle social, outros a organizam como instrumento de transformação social. Tanto pode ser usada para adormecer os espíritos e as consciências como para desencadear forças explosivas... É necessário rejeitar-se a educação como técnica de anestesiar o homem, de subordiná-lo. É necessário buscar a pedagogia da libertação, como estratégia do desenvolvimento, que acorde o homem, que lhe movimenta as energias, lhe descative a história, lhe confira instrumentos técnicos modernos".

E você o que pensa da nossa educação brasileira? O que faz para que seja melhor?

issuu-downloader.com

Sociedade

Projeto oferece qualidade de vida a terceira idade

Sonho ainda é distante para idosos sem recursos

Harambê é uma expressão africana que significa: vamos trabalhar juntos

Wagner Fonseca
6° período de Jornalismo

O filósofo Ovídio comparou, tempos atrás, a vida do ser humano às quatro estações do ano. Enquanto criança o homem lembra a primavera, quando a planta é nova e enche de esperança o agricultor. O campo fértil resplandece com o colorido das flores. Entra então a estação mais forte, o auge da mocidade, o fervor da vida: o verão. Depois vem o outono, triste, o meio-termo entre o jovem e o velho. Surge em seguida o inverno, quando os cabelos ou caíram como as folhas das árvores, ou, os que restaram, estão brancos como a neve dos caminhos. Tempo infeliz. O que era para ser já se foi.

A teoria do filósofo, com certeza, foi elogiada por muitos e até hoje há quem considere real as palavras do estudioso. Mas, próximo à cidade de Uberaba, a teoria de Ovídio não traduz a realidade quando ele se refere ao outono e ao inverno, comparando-os com a fase de vida denominada de terceira idade. Um projeto desenvolvido pela Fundação Peirópolis, pôs abaixo parte da teoria ovidiana. A Fundação é uma instituição monitorada pelo Ministério Público e reconhecida tanto no âmbito municipal, estadual e federal, como sendo de utilidade pública,

Em Peirópolis, há 15 quilômetros do centro de Uberaba, foi inaugurada no último dia 16, uma comunidade biossocial que vai oferecer às pessoas com mais de 55 anos a oportunidade de assegurar vida nova, depois de décadas de trabalho. Oportunidade de nova filosofia. O projeto ganhou o nome de Harambê (expressão africana que significa – vamos trabalhar juntos). A idéia partiu das páginas do livro – O que você vai fazer em dezembro? Dag Edições - do escritor e presidente da Fundação Peirópolis, Dirceu Borges. Para ele, a comunidade é um exemplo que deve ser seguido pelo governo federal. "Através dos recursos do INSS, pago mensalmente pelos contribuintes, o governo pode oferecer projetos de moradia e melhorar a qualidade de vida de quem tanto contribuiu com o país",comentou.

A proposta da Fundação é ativar a vida de homens e mulheres da terceira idade. O Harambê é uma comunidade alternativa para quem não vê no passar dos anos, motivo para a inércia física, cultural e psicológica. Muitos estudos apontam que a pessoa nesta fase da vida se sente inútil e sem nenhuma contribuição para a sociedade. O preconceito dos mais novos e os poucos projetos de apoio voltados para esse público, que corresponde a quase 18% da população nacional (Censo 2000. Pessoas com mais de 55 anos residente no país), são motivos que agravam o problema.

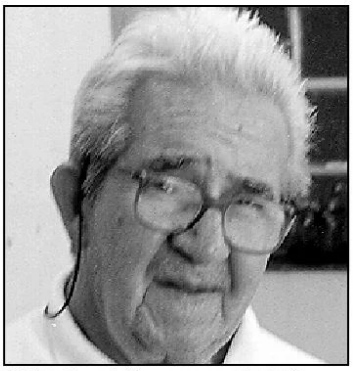
A pessoa que desejar viver no Harambê vai participar de atividades recreativas, esportivas e artísticas. Os trabalhos vão desde a extração de água mineral à produção de artesanatos. Os produtos vão ser comercializados em outras comunidades e, a renda é descontada na contribuição mensal paga pelos moradores. A contribuição, cobre as despesas da manutenção do projeto, como alimentação, serviços de utilidade e o pagamento dos funcionários, uma espécie de condomínio.

Maria Tereza é a primeira a desfrutar da comunidade Harambê

Preço

Para fazer parte da comunidade, o interessado precisa desembolsar cerca de R$ 45 mil. O valor é a quantia paga pelo direito de uso de uma residência . Por ser uma sociedade civil, todos os resultados financeiros serão revertidos na própria empresa. Para os idealizadores do projeto, o Harambê é considerado o Eldorado para quem ultrapassou cinco décadas e meia de vida.

A fazenda ocupa um espaço de 70 hectares próximo ao maior sítio paleontológico da América Latina. A área, doada à Fundação, é cercada de bosques e represas para pescaria, e espaço disponível ao cultivo de frutas, hortaliças e produção de ervas medicinais. As moradias, chamadas de "pueblos", foram planejadas para atender às necessidades dos moradores. O projeto inclui também a construção de um mini-shopping, teatro de arena, fábrica de medicamentos, playground e um clube. Um espaço onde a vida recomeça aos 55 anos é, acima de tudo, um referencial para Uberaba nas questões sobre os projetos voltados à terceira idade.



Antônio Augusto Souza mora no Asilo São Vicente de Paulo

A primeira semente

A paulistana, radicada em Uberaba, Maria Tereza, 72, é a primeira moradora que veio atraída pela energia do Harambê. O *pueblo* que ela escolheu já está mobiliado e foi bastante visitado durante a inauguração. Muito ligada às questões espirituais, ela disse que na comunidade vai ser possível desenvolver com os próximos moradores o conhecimento da necessidade de preservação da natureza humana. "A energia do terceiro milênio, associada ao bom momento cósmico, garante a proposta de vida na comunidade", disse. Ela, que já percorreu vários países como acompanhante de pessoas interessadas na sabedoria espiritual, está preparada para semear os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Socializar esses conhecimentos é a tarefa que ela escolheu na comunidade. Um trabalho simples para uma pedagoga aposentada que agora tem mais um motivo para se manter ativa. "O meu trabalho é corresponder à missão que recebi quando cheguei à terra", comenta Maria Tereza.

Sonho distante

A oportunidade de viver em um ambiente como o Harambê passa distante dos olhos do aposentado Antônio Augusto Souza, 74 anos. O "seu Tonico", é um dos residentes do Asilo São Vicente de Paulo . O dia-a-dia dele resume-se a uma vassoura e uma enxada. Para se manter ativo, ele costuma ficar horas cortando a grama que insiste em crescer sobre o cimento. Ele chegou ao asilo nos anos oitenta, depois de atravessar uma crise financeira. O trabalho de pintor não lhe rendeu uma quantia significativa para garantir uma aposentadoria mais tranqüila e uma casa para morar. O seu Tonico não foi casado e não tem filhos, as únicas companhias são os amigos que vivem com ele no asilo. Para ele o simples fato de cortar a grama é um trabalho que o torna útil. E o pensamento de utilidade o faz passar o tempo. "Eu fico cortando a grama e varrendo o chão. A gente que já está meio fora de forma precisa fazer alguma coisa para não ficar parado", disse.

Ao contrário da pedagoga aposentada Maria Tereza que já faz parte do projeto Harambê, o seu Tonico dificilmente vai conseguir participar de projetos, como este. Conform apurado, muitos velhinhos que estão no asilo foram desprezados e tratados como encosto pela família e pela sociedade de modo geral. Eles vivem do trabalho voluntário de diretores e da dedicação dos funcionários.

O asilo foi inaugurado em 1902 pela Fundação São Vicente de Paulo e é mantido com a renda de parte da aposentadoria dos internos e com a ajuda da comunidade. Algumas empresas privadas mantêm convênio com o asilo nas áreas de exame laboratorial e serviço de SOS móvel. A Universidade de Uberaba possui um convênio na área fisioterápica, e hoje, o asilo tem um moderno centro de fisioterapia. A prefeitura oferece o trabalho de um médico para exames preliminares. Outro serviço importante é o da cabeleireira Simone Barbosa. Quase sempre ela está no asilo cortando o cabelo dos internos.

Para o presidente da casa, Paulo Roberto Queiroz da Costa, é impossível manter algum projeto que ative a vida do seu Tonico e dos outros 54 idosos sem apoio financeiro."Estamos abertos a parceirias".

issuu-downloader.com

Imprensa e Violência

Elogio ao homicídio

Público torna-se cúmplice dos assassinos quando finge repulsão perante violência na mídia

André Azevedo
1° período de Jornalismo

A literatura e o cinema já lançaram provocações veementes sobre a relação entre o apetite do público pelo macabro e a alegre disposição da mídia em saciá-lo. O escritor inglês Thomas de Quincey (1785-1859) escandalizou a Inglaterra vitoriana com seu irônico "Do Assassinato Como Uma das Belas-artes". Quincey escreve que a originalidade dos homicidas, demonstrada nos incontáveis registros na imprensa, seria comparável à genialidade criativa de grandes pintores, poetas ou músicos. Por isso, sugere que os assassinatos sejam avaliados por sua beleza estética, e apreciados, portanto, devido à sua condição de arte.

O autor descreve as atividades de um suposto clube de aristocratas que se dedicavam ao hobby do assassinato. Segundo Quincey, eles encontravam-se em reuniões onde relatavam os crimes que haviam praticado durante a semana, as estratégias que haviam lançado mão e outros detalhes mórbidos, levando a platéia ao deleite. Um conferencista lembrava que a vítima mais adequada é um amigo íntimo, e "em falta de um amigo, que é um artigo de que não se pode sempre dispor, um conhecido; porque, em ambos os casos, quando primeiro se aproximasse da vítima, a suspeita seria desarmada; enquanto um estranho poderia alarmar-se, e descobrir na própria fisionomia do eleito para assassiná-lo um aviso para que se pusesse em guarda". Haveria uma espécie de graduação do crime, e os mais originais eram considerados "grandes artistas".

O cineasta alemão Michael Haneke escreveu e dirigiu "Violência Gratuita", um dos filmes mais provocativos da década de 90. Haneke defende, através de sua obra, a tese de que o público transforma-se em cúmplice do assassino quando participa da violência através da observação passiva de telespectador – ou leitor. E essa constatação não é colocada como uma metáfora, mas entendida de forma literal. A conivência estaria na própria passividade confortável de espectador que, se por um lado encara o crime como algo torpe, por outro adora estar junto, aceita participar da cena, é ávido pelos detalhes e finge espantar-se, disfarçando certa ludicidade mórbida, quando depara-se com os detalhes macabros. De certa forma, esse espectador secretamente *desejaria* que mais assassinatos aconteçam para que sempre aparecessem histórias que possibilitariam, enfim, sua participação através da representação simbólica – as imagens e o texto.

No filme isso é demonstrado com muita perícia. Os psicopatas às vezes dão piscadelas para a câmera, como que fazendo um pacto com o espectador: *"fiquem aí, que serão recompensados com muita malvadeza"*. Em certo momento, um dos vilões distrai-se é alvejado por uma vítima. O outro então pega um controle remoto, e em uma reviravolta metalinguística, roda o próprio filme ao reverso até chegar naquele ponto. Consciente de sua condição de personagem fictício, agarra a arma e impede a repetição da cena. Ela sabia que a morte do vilão seria o fim da história, e o público exige mais diversão! Em uma de suas músicas, Rita Lee mostrou que compartilha dessa hipótese. "Não podemos sofrer. Não leremos jornais que noticiem crimes. Não participaremos destas mortes vis", canta.

Em Anarquistas, Graças a Deus, a escritora Zélia Gattai descreve uma de suas diversões de infância preferidas junto à mãe e irmãs: procurar no jornal nomes conhecidos na coluna de necrológios e acompanhar os velórios que passavam à porta. "No entanto, nem todos os enterros despertavam igual interesse. Os de morte violenta, atropelamentos, desastres, assassinatos, eram os mais apreciados", escreveu.

Essas confissões costumam surpreender porque normalmente as pessoas não são capazes de admitir e refletir sobre suas perversões. É comum observar aqueles que dizem detestar a violência nos jornais mas nunca deixam de dar aquela "olhadinha" para saciar sua curiosidade mórbida. Portanto, costumam inventar todas as desculpas possíveis para disfarçar suas "perversõezinhas". Em Memórias do Subsolo, Dostoiévsky escreve que o homem "está pronto a deturpar intencionalmente a verdade, a descrer de seus olhos e seus ouvidos apenas para justificar a sua lógica".

reprodução

O que se vê é a simples exposição dos fatos da violência urbana. Entretanto, sabe-se que *expor* não é *propor*

Ato e estado de violência

Em O que é Violência, Nilo Odalia acentua a diferença entre o ato da violência e estado de violência. "O ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos, a agressão física, o tirar a vida de outrem, não é tão simples, pois pode envolver tantas sutilezas e tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência", escreve. Ele argumenta que os costumes e tradições encobrem certas práticas violentas da vida em sociedade e dificultam a compreensão imediata de seu caráter. Um exemplo claro dessa questão é o problema do assassinato. É possível matar alguém. Pode-se também favorecer as condições para que muitas pessoas morram. Um ato político, como privilegiar recursos públicos para futilidades, por exemplo, pode vir a deixar morrer dezenas de pessoas desnutridas. Isso não é considerado como um *ato* de violência, mas, sem dúvida, é um *estado* de violência.

Normalmente a imprensa satisfaz-se em privilegiar a cobertura dos atos de violência, ignorando, ou cobrindo mal, os estados de violência. O que se vê é a simples exposição dos fatos da violência urbana. Entretanto, sabe-se que *expor* não é *propor*. O ato violento de ontem será esquecido para que o ato violento de hoje seja explorado até ser esquecido amanhã, num círculo vicioso estéril. As *causas* do estado de violência não são, portanto, discutidas; a doença é deliberadamente ignorada para que os sintomas sejam expostos. Em O Discurso da Violência, Ana Rosa Ferreira Dias analisou o diário Notícias Populares, hoje extinto. Ela descreveu a intensa sintonia entre o jornal e a classe social para qual ele é dirigido, sobretudo através da linguagem. A partir de seu estudo, é possível concluir que para melhorar a qualidade editorial dos jornais, faz-se necessário a mudança da própria sociedade. Mas o enigma implícito é que a imprensa trata-se, justamente, de uma das grandes, senão a maior instituição capaz de mobilizar a sociedade para essa mudança. O jornal que faz diariamente um elogio implícito ao homicídio e é incapaz de refletir sobre seus métodos, certamente não será capaz de provocar mudanças na sociedade – se é que o deseja.

issuu-downloader.com

Imprensa e Violência

A IMPRESA SOB A ÓTICA DO DIREITO

Legislação obsoleta contribui para os abusos da liberdade de expressão no jornalismo

Adriana Amaral Guardieiro
7º período de Jornalismo

A Constituição Federal de 1988 assegurou a liberdade de imprensa, mas de acordo com o professor de Direito da Universidade de Uberaba, Cláudio Fontoura, especializado na área penal, a exploração desta liberdade deve ser cautelosa. " Se por um lado ela tem a função de avaliar e julgar as situações da sociedade, por outro, o cidadão tem o direito de ter a sua imagem resguardada em interesse alheio. A imprensa não pode mostrar qualquer pessoa. Nós temos o direito de impedir isso", informou. *"Se a notícia cuja publicação for desabonadora da honra de alguém a pena é de reclusão de quatro a dez anos ou multa de cinco a 50 salários mínimos"*. (Constituição Federal, artigo 18, parágrafo 1).

Para o advogado Cláudio Fontoura, a liberdade de imprensa deve ser cautelosa

A busca pelo furo de reportagem nos veículos impressos e a corrida pela audiência nos meios eletrônicos têm ditado a tendência das linhas editoriais desses veículos, que priorizam, cada vez mais, assuntos violentos. A explicação para o advogado está no próprio povo. "A violência vende jornal. As pessoas protestam, mas não existiria violência na mídia se elas não comprassem o jornal. Desde Freud já é demonstrada uma busca tanto do prazer quanto do impulso da destruição. A morte nos atrai. A mídia simplesmente manipula o impulso brutal que o ser humano tem, que é o impulso da satisfação da violência", avalia.

É considerado crime de imprensa quando há conduta imprópria que resulte em situações de ofensa intencional a cidadãos ou instituições

O jornal Estado de São Paulo, edição do dia 29 de março, publicou dados de um estudo realizado pela Universidade de Columbia, New York comprovando que os adolescentes que assistem a mais de uma hora de televisão por dia são propensos a ficar violentos muito mais do que os adolescentes que ficam menos tempo diante do aparelho. Partindo desse princípio, a proporção da absorção de informações violentas que veículam nos meios de comunicação passa a ser maior diante da intensificação das informações de carater violentos.

Como impedir a publicação excessiva desses assuntos. Para o advogado Fontoura, voltar à censura não seria a melhor saída. "Ela seria o mal maior, porque o problema básico não é a violência nem a censura. É a profunda falta de educação e de cultura da sociedade brasileira. Na minha opinião a violência vem de várias formas. Não é só a morte ou a exploração da sexualidade. A maior violência do mundo é a ignorância, a burrice", opina

De acordo com o professor, toda pessoa tem o direito de impedir que a sua imagem seja veiculada. Porém, ainda existem certos permissivos, como filmagens externas. "Você não é obrigado a perguntar se os transeuntes daquele local autorizam ou não a exposição de suas imagens", ressaltou. O advogado disse ainda que a lei dos crimes de imprensa vigente está obsoleta, sendo necessária a adoção de uma nova legislação.

É considerado crime de imprensa quando há conduta imprópria que resulte em situações de ofensa intencional a cidadãos ou instituições. *"Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime, pena: detenção de seis meses a três anos e multa de um a 20 salários mínimos"*. (Constituição Federal, artigo 20).

Vemos a desgraça alheia e respiramos aliviados quando observamos que a nossa vida está em ordem

"Isso quer dizer que é respeitado o princípio da inocência até que uma sentença penal condenatória transite em julgado. No entanto, os programas de TV filmam uma pessoa meramente acusada de um crime. Esta pessoa, ou mesmo sua família, pode entrar com ações contra a empresa jornalística, tanto na modalidade de responsabilidade civil, quanto na de dano moral", orienta Fontoura.

"A maior violência do mundo é a ignorância, a burrice"

Para melhorar esta situação e diminuir a quantidade de violência que está sendo apresentada, Fontoura acredita que as empresas de jornalismo poderiam tentar tirar a violência, melhorando a abordagem não no sentido sócio-econômico, mas no sentido cultural. "Buscar temas mais interessantes que tenham um respaldo cultural para a população".

Esta receita, no entanto, esbarra no gosto da opinião pública. Na impressão do advogado, um jornal com perfil por ele sugerido não venderia. "Falo com base nas colunas policiais dos jornais de Uberaba, por exemplo, que com certeza são grandes propulsores de venda", analisa. Para ele, enquanto a população tiver um percentual que tende ao analfabetismo e de pessoas completamente despreparadas, ela vai continuar sendo o que é.

"Não quero ficar com uma perspectiva sombria nem parecer uma pessoa que tem certo receio da humanidade, mas eu continuo achando que o grande problema é a educação. É a falta de cultura aliada a funções psicológicas que nós temos. Vemos a desgraça alheia e respiramos aliviados quando observamos que a nossa vida está em ordem. No fundo, o que existe é uma sociedade com tendências canalizadas pela imprensa", conclui.

issuu-downloader.com

CONCORRÊNCIA ATROPELA ÉTICA

Falta de critérios compromete qualidade da informação

Leonardo Boloni
7° período de Jornalismo

Para a economista especializada em sociologia e professora universitária Maria das Dores Silva, a causa da exposição maciça da violência nas várias mídias é resultado da concorrência, a busca de um diferencial em seus produtos veiculados. "Se um determinado jornal explora algum fato em busca de audiência, o concorrente não vai querer ficar atrás. As redações acabam buscando uma informação mais detalhada nos textos e imagens em função da própria concorrência", explica.

arquivo Revelação

Nossos direitos estão sendo feridos, já que não pedimos aquela violência exposta. A mídia não nos protege contra esta violência", diz a socióloga Maria das Dores

De acordo com ela, a violência não acontece por acaso; há um motivo para acontecer e a mídia acaba por dar grandes coberturas, muitas vezes de forma chocante sem se preocupar com as consequências desta informação. "Hoje nós ligamos a televisão e podemos ver formas requintadas de matar, sequestrar, torturar ou gerar atritos, como nas telenovelas que exploram os conflitos nos relacionamentos. Entramos em determinados sites e aprendemos a fazer bombas" exemplifica ela.

Outro problema desta exposição é em relação a ausência de ética. "Quando se fala em ética e age através dela, não podemos separá-la das conseguências, pois estão intimamente ligadas", afirma. Para a socióloga, a falta de responsabilidade social na mídia é grande, uma vez que não se pensa no impacto e no reflexo destas informações publicadas de forma banalizada. "Quando sou agredida, tenho meus direitos violados. Acredito que este direito também seja o do leitor, do ouvinte ou telespectador que consome tais informações. Nossos direitos estão sendo feridos, já que não pedimos aquela violência exposta. A mídia não nos protege contra esta violência", analisa

Para ela, a culpa ao longo da história têm vários fatores, como por exemplo, "o descuido de nossa própria educação, o descuido das religiões, da mídia, do sistema político e de nossa própria omissão em relação aos acontecimentos. Nós não jogamos o jornal fora, não desligamos a televisão, então estamos sendo coniventes com tudo isso, estamos ajudando a dar Ibope para as emissoras, conferindo-lhes credibilidade", complementa.

A concentração dos meios de informações em grupos restritos de pessoas também contribui para a propagação de ideologias. "São eles quem controlam os recursos sem se preocupar com a população. Cada vez mais estão alienando o povo com programas sem qualidades editorias, criando personagens, histórias sem propósitos educativos e mecanismos de controle de audiência", argumenta. A consequência disto, segundo Maria das Dores, tem um efeito bola de neve. "A violência exposta hoje irá gerar outra amanhã e assim por diante em escala crescente, perpetuando as causas e efeitos .

Para ela a prevenção pode vir através de uma mediação já realizada em um outro local ou época, exemplificando o aprendizado com os erros alheios. "Já que a educação é algo constante, podemos aprender em qualquer momento. Os meios podem estar remediando a situação com abordagens e matéria que valorizem o lado positivo do ser humano ao contrário do que vemos hoje", conclui.

MÍDIA SANGUINÁRIA ALTERA VALORES SOCIAIS

Pessoas podem sofrer aprendizagem negativa à partir do que é exposto pelos meios de comunicação

Luciana Souza
7° período de Jornalismo

A divulgação da violência pela mídia pode acarretar grandes mudanças de antigos valores ou até mesmo induzir que outros sejam criados resultando na mudança de comportamento das pessoas. A afirmação é da psicóloga, Osimar Beatriz Tura. Segundo disse pode ocorrer um condicionamento das pessoas ou até mesmo uma aprendizagem negativa do que é exposto pelos meios de comunicação. "É o fato das pessoas sentirem-se aliviadas após ver uma cena violenta, por não estar acontecendo aquilo com eles ou com alguém da família", declara.

"Quando um delinqüente é morto as pessoas sentem-se mais tranqüilas por ser menos uma pessoa má na rua"

Para a psicóloga, de uma forma geral, as pessoas se interessam pela violência e mesmo repugnando estas informações querem estar em contato com elas. "Este sentimento pode vir de uma simples curiosidade, como uma auto defesa ou até mesmo pelo instinto de vingança", disse. "Quando um delinquente é morto as pessoas sentem-se mais tranquilas por ser menos uma pessoa má na rua. Vem uma sensação de alívio, por pensar que pode sair de casa sem maiores problemas, que seus filhos estarão correndo menos risco de serem assaltados ou mortos", esclarece.

Crianças correm o risco de crescerem com este tipo de informação achando que as atitudes mostradas são normais

Outro motivo, para justificar o facínio por assuntos violêntos, apontado por Beatriz Tura foi a possibilidade de extravasar a violência contida dentro de cada um. "Como o adulto não pode externar o instinto violento ele absorve estas informações através de jornais ou TV para aliviar este sentimento. De certa forma esta maneira de extravar é benéfica, pois a pessoa alivia o desejo em frente a televisão", explica.

De acordo com a psicóloga a convivência com este tipo de notícia torna-se problema a partir do momento em que as informações começam a fazer parte da vida das pessoas como algo rotineiro ou normal, ou seja, o massacre, a tragédia, o crime hediondo torna-se algo banal no cotidiano das pessoas. "A partir desse momento em que as pessoas não se assustam mais com a violência divulgada, não fecham os olhos ao ver uma pessoa degolada ou algo assim, é que a situação se complica, pois ocorre uma inversão de valores", esclarece Beatriz.

A situação é mais grave quando a violência chega ao conhecimento de crianças. Elas, conforme esclareceu Beatriz Tura, correm o risco de crescerem com este tipo de informação achando que as atitudes mostradas são normais. Quando adultas elas vão apresentar atitudes totalmente agressivas e sem referências dentro de uma visão humana", observa.

Na análise feita pela psicóloga sobre os meios de comunicação ela detectou que a preocupação na priorização das informações está na opinião pública e nas vendas. Por isso, segundo ela, eles oferecem esta gama de notícias sensacionalistas sem se preocupar com os reflexos que elas podem causar ao indivíduo. "É como se nossos desejos e vontades não tivessem nenhuma importância, como se nossa necessidade de boa informação fosse algo realmente banal. Isto é ruim, embora seja uma forma de mostrar que os problemas ocorrem em todas as classes sociais e não somente com os pobres, estas informações ferem e podem desestruturar uma sociedade inteira", conclui Beatriz.

issuu-downloader.com

Comunicação

Fórum discute rumos do jornalismo brasileiro

Documento estabelece princípios para o exercício responsável da profissão

Esta é a íntegra do documento redigido no Fórum dos Cursos de Jornalismo, realizado na Faculdade de Comunicação Cásper Líbero

Reunidos no Fórum dos Cursos de Jornalismo, realizado na Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, em São Paulo, dias 29, 30 e 31 de março de 2002, jornalistas, estudantes e professores de jornalismo analisaram e debateram as principais questões que envolvem a formação acadêmica e o exercício profissional do jornalismo no Brasil, organizadas nos seguintes grupos de trabalho: 1 – Capital estrangeiro e oligopolização da mídia; 2 – Valores e princípios da prática jornalística; 3 – Democratização das comunicações; 4 – Formação do jornalista e regulamentação da profissão; 5 – Sistemas de avaliação dos cursos de jornalismo.

O debate aprofundado dessas questões – após a palestra do professor Octávio Ianni, sobre "Globalização e Mídia" – proporcionou aos participantes a identificação mais precisa dos inúmeros problemas que impedem o desenvolvimento do jornalismo como instrumento do conjunto do povo brasileiro para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, justa e que promova a igualdade e o bem estar de todos. Nesse sentido, queremos afirmar o seguinte:

A entrada do capital estrangeiro na propriedade dos meios de comunicação de massa representa uma grande ameaça à nossa cultura, às raízes culturais da Nação e à nossa identidade, além de favorecer uma concentração ainda maior dos veículos e dos conteúdos nas mãos de alguns poucos grupos políticos e econômicos.

A concentração da mídia representa uma ameaça direta à incipiente democracia brasileira e à limitada liberdade de expressão

Oligopólios

A oligopolização da imprensa torna a concorrência desleal de tal forma a absorver as empresas locais, com a constante eliminação de postos de trabalho e a geração de desemprego estrutural.

A concentração da mídia representa uma ameaça direta à incipiente democracia brasileira e à limitada liberdade de expressão, na medida em que tende a eliminar ainda mais os espaços de manifestação de importantes segmentos da sociedade brasileira.

O exercício pleno do jornalismo só pode se dar numa sociedade que assegure o direito de todos à informação, consignado na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

A padronização e a pasteurização impostas pela comunicação de massas elimina as diferenças culturais e regionais, empobrece a riqueza da diversidade e violenta o pensamento e a criatividade divergentes.

Valores

É preciso resgatar os valores e princípios que sempre foram a razão de ser do jornalista. É preciso reapropriar-se da nossa profissão, e sobretudo resgatar o aspecto humanista daquilo que fazemos, seu caráter ético e questionador, sua responsabilidade social, sua indignação, seus laços com a verdade e a cidadania, a preocupação com os direitos humanos e com as minorias e os marginalizados, sua criatividade e autenticidade.

É preciso combater as censuras políticas e econômicas que atuam de forma disfarçada nos meios de comunicação e a auto-censura, estimulada desde os cursos de jornalismo e largamente praticada dentro das empresas jornalísticas.

É preciso fortalecer todos os espaços e meios alternativos de comunicação, especialmente os veículos comunitários e que expressam os movimentos sociais excluídos e marginalizados pelos grupos de comunicação, mas, ao mesmo tempo, é preciso lutar para a construção de um sistema de comunicação que expresse realmente os interesses de todos os segmentos e classes sociais.

A democratização da mídia passa necessariamente pelo acesso de todos ao ensino público e gratuito, pelo aumento da escolaridade e por uma formação superior comprometida com as populações marginalizadas, com o desenvolvimento social e com a formação do senso crítico em todas as áreas do conhecimento, e especialmente no jornalismo.

Diploma

A exigência de diploma para o exercício do jornalismo não apenas legitima a categoria no reconhecimento social e legal, confere dignidade para a profissão, mas sobretudo assegura maior controle social da prática jornalística e reduz o campo de manobra dos interesses econômicos na área.

O exercício da profissão não é redutível a um adestramento técnico oferecido pelas empresas jornalísticas, pois só o ambiente universitário proporciona a possibilidade de reflexão e uma formação sólida que articula teoria e prática. E o papel da universidade não se reduz à capacitação profissional: estende-se a formar cidadãos críticos, agentes de transformação social, não podendo, portanto, ficar à mercê da lógica do mercado.

Avaliação

A avaliação dos cursos de jornalismo deve ser permanente e necessária e não se esgota nos instrumentos oficiais; deve ser discutida pelos segmentos de cada curso, de forma a não se tornar um mero atendimento de exigências administrativas, mas que assegurem a variedade de percepções que a formação graduada em jornalismo possa ter.

Os participantes do Fórum dos Cursos de Jornalismo sugerem a criação de uma comissão que estude a viabilidade de uma avaliação articulada entre escolas de jornalismo.

Esses pontos – um resumo das discussões realizadas neste Fórum – sintetizam as nossas preocupações com o quadro atual do jornalismo brasileiro, mas também o estabelecimento de referências importantes para uma atuação coletiva concreta tanto na formação como na prática jornalística. A consolidação dessas referências já está em marcha, o primeiro passo foi dado, agora compete a todos nós assumirmos o compromisso de que a luta não termina aqui – ela está apenas começando.

Fórum dos Cursos de Jornalismo
São Paulo, 31 de março de 2002

issuu-downloader.com

Turismo

Bonita por natureza, Assim é Araxá

Conhecida pelo potencial hidromineral, a cidade prioriza a exploração racional de seus de seus recursos incentivando o turismo ecológico

Maurício de Castro Rosa
Ralfer Zaidan Martins

Cidade de nome indígena - "local onde primeiro se avista o sol" - Araxá é privilegiada pela natureza com suas inúmeras riquezas. A construção do Grande Hotel do Barreiro e suas termas trouxeram o turismo para a cidade e com ele aflorou várias riquezas da região.

Este lugar, tipicamente hospitaleiro, está situado no Alto Paraíba, em uma das paisagens mais belas das "minas gerais", composta pela serra da Bocaina e da Canastra. A bacia hidrográfica é formada pelos rios Grande e Paraíba, que além de possibilitarem a umidade do clima da cidade, ainda são responsáveis pela inclusão de Araxá no Circuito das Àguas de Mians Gerais. As propriedades terapêuticas das águas medicinas atraem turistas de outros regiões e países.

Conhecida também como a terra de Dona Beja (um mito que se transformou Ana Jacinta de São José, moradora da cidade do século XIX), a cidade explora também o seu potencial histórico. O Museu Dona Beja e a Fundação Calmon Barreto dispõem de instalações apropriadas ao turismo. Esses locais guaradam a memória da cidade desde os seus primeiros habitantes, os índios Araxás. Frequentemente, ambos são palcos de exposições de artistas da terra, resgatando assim, culturas e origens.

A cidade está passando por uma importante reestruturação, visando oferecer locais mais adequados que atendam às diversas solicitações turísticas. O Parque do Cristo, por exemplo, está sendo reformado.

Culinária

A culinária de Araxá recebeu influência dos índios, dos primeiros colonizadores portugueses e dos tropeiros, uma característica da boa comida mineira. Recebeu também influência dos imigrantes italianos, espanhóis, árabes e franceses. A comida caseira araxaense foi temperada com requintes da comida internacional, influenciada pelos mestres do Grande Hotel, tornando-se conhecida pelo seu sabor inconfundível.

Balas caseiras *nougath*, nocôco, abacaxi, café com mel, côco queimado, pingo-de-leite; doces como ameixinha de queijo, doce de leite, tronquinho, cajuzinho, amêndoa branca e com chocolate; cristalizados de figo, abacaxi abóbora, laranja, limão; e compotas diversas sem açucar com frutose. Estas típicas delicias são os ingredientes para o bem-estar dos visitantes.

Os doces caseiros de Araxá conquistaram tanta importância que alguns doceiros reclamam que alguns fabricantes de outras regiões colocam em seus produtos o nome de doces de Araxá para garantir a venda, enganando os clientes e colocando em dúvida a qualidade dos produtos araxaenses. Existe um estudo para implantar um selo de garantia dos produtos de Araxá dando segurança aos fabricantes e consumidores.

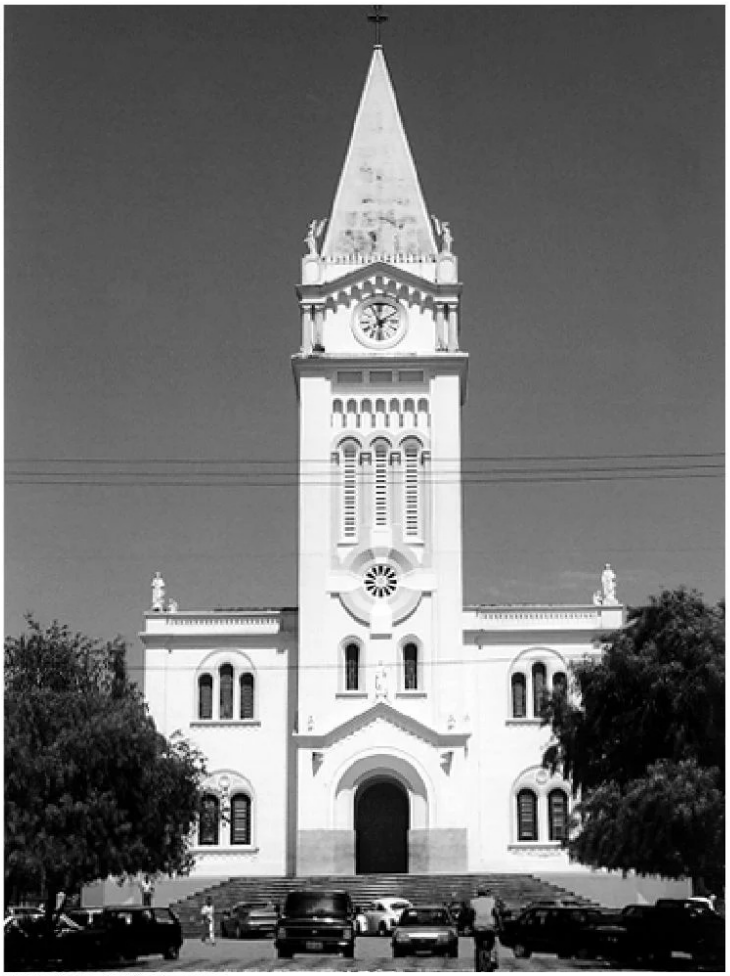
A culinária de Araxá foi destaque para quatro volumes do livro "Araxá põe a mesa", que reúne receitas de diversos pratos saborosos, inclusive os doces e sobremesas que podem ser encontradas em lojas especializadas. Se o cliente prefeir, pode conferir a fabricação pessoalmente com as doceiras. Esse passeio já tornou-se um hábito constante.

E não é difícil encontrar restaurantes tradicionais na cidade. Hoje, o município conta com ambientes totalmente modernos e com a preservação, é claro, do requinte do interior. Do feijão tropeiro a uma especialidade em massas, o visitante encontrará de tudo. É válido salientar que hotéis e pousadas também já estão atendendo às exigências mais específicas do setor.

O Grande Hotel e Termas de Araxá, já está em funcionamento e aberto para convenções e atividades ligadas ao turismo. O balneário foi recuperado e modernizado, oferecendo maior segurança e exclusividade para aqueles que estarão hospedados nos hotéis do lugar.

Doce caseiro é tradição da cidade

fotos: Ralfer Zaidan Martins


Igreja Matriz de São Domingos

Turismo

Uma das atrações que vem crescendo rapidamente na região, aproveitando a graciosidade da natureza, é o turismo rural, turismo ecológico e o turismo de aventuras.

Privilegiada, a região desfruta de rios, lagos, cachoeiras, trilhas e serras, favorecendo a pratica de passeios e esportes radicais. Hoje a cidade disponibiliza esportes como: escalada, rafting (descida de barco em corredeiras), rapel, trail de motos e jepes, esqui aquático e vôo livre.

Hotéis fazenda e pesque-pague são ricas fontes de lazer e descanso na região. O turista pode ainda conhecer e saborear a cachaça frabricada artesanalmente. Depois que o presidente Fernando Henrique decretou a cachaça como produto genuinamente brasileiro, a cachaça de Araxá, devido sua qualidade, vem conquistando seu espaço, também, no mercado externo.

Se por um lado os produtores da cachaça estão lucrando com a valorização do produto, por outro, os consumidores, estão literalmente de pernas bambas, já que o custo da cachaça no mercado interno subiu. Hoje em Araxá encontra-se cachaças envelhecidas em barril de carvalho custando acima de R$ 100,00, equiparando ao preço de bons uisques escoseses.

Completando os atrativos em Araxá a serra do Bocaina, situada a 27km de distância da cidade, proporciona um dos mais belos visuais da região, lá foi construída uma rampa para a prática de vôo livre, que encanta ainda mais o local. Junto à rampa encontra-se um restaurante, com quiosque e área de diversão para crianças, tornando o lugar mais aconchegante.

issuu-downloader.com

Sociedade

Homem Aranha, Bin Laden e Pocahontas passaram por Araxá

Festa a fantasia torna-se tradição e tornou-se mais uma atração turística na cidade

Wander Marcio de Rezende
3° período de Jornalismo

O Sábado da Aleluia foi marcado com uma grandiosa festa à fantasia no galpão de shows do Expominas, na cidade de Araxá-MG. Sob o comando da Shark eventos a festa teve várias atrações que encantaram o público presente. Dentre estas, o som de músicas eletrônicas, DJ´s e ainda 3 bandas que tocaram os diferentes estilos musicais.

A festa é realizada uma vez por ano, sempre no sábado da aleluia e atrai pessoas de todas as partes como: São Paulo, Ribeirão Preto, Uberlândia, Uberaba, Belo Horizonte etc.

A Festa da Fantasia vem crescendo a cada ano que se passa e em 2002 teve que ser transferida do Clube Araxá para o Expominas, devido ao número de pessoas que aumenta a cada edição da festa.

O Expominas tem capacidade para 8 mil pessoas e segundo a organização do evento, estavam presentes na festa mais de 4 mil pessoas.

O que chama a atenção na festa é a criatividade das pessoas se fantasiarem de diversas maneiras, desde as fantasias mais comuns até as mais modestas. Tinha até Bin Laden na por lá!

fotos: Wander Marcio de Rezende

Festa é realizada uma vez por ano, sempre no sábado da aleluia

História da Festa

A Festa da Fantasia teve em sua primeira edição, um número muito pequeno de pessoas e foi realizada em uma boate.

No ano seguinte o número de pessoas aumentou e a festa foi feita no Clube Araxá, com a presença de milhares de pessoas.

Com o passar dos anos o Clube Araxá já não conseguia acomodar tanta gente e a organização da festa resolveu transferir o para o Expominas, um lugar mais confortável, com espaço necessário para shows e eventos de maior extensão.

Quem ganha com a festa

A Festa da Fantasia de Araxá envolve várias pessoas e gera um movimento muito grande no comércio local, hotéis, restaurantes etc.

Os hotéis da cidade nesse dia ficam lotados, os restaurantes mais cheios e o movimento nas lojas de acessórios para fantasias aumenta muito.

Um exemplo disso são as lojas que alugam fantasias. Os funcionários dessas lojas trabalham dobrado na véspera da festa e faturam uma boa grana.

A procura por fantasias é tão grande que veio para Araxá uma grife de fantasia de Ribeirão Preto-SP. O pessoal da loja improvisou uma casa na cidade que encheu de gente procurando fantasia para alugar.

A cidade de Araxá com seu pólo turístico em ascensão, devido a reabertura do Grande Hotel, atrai pessoas de todas as partes que aproveitam para conhecer o turismo local, uma vez que já vêm para a festa.

Grande Hotel: Retrato de uma época

Personalidades históricas frequentaram as Termas do Barreiro

Karla Marília
5° período de Jornalismo

Araxá, cidade famosa pelas propriedades de suas águas, foi cenário de grandes estadistas e personalidades .Exemplo foi Santos Dumont, o pai da aviação, que hospedou-se no antigo hotel Rádio e o mineiro juscelino Kubistchek que incessantemente realizava visitas ao barreiro . em 1944, projetado pelo arquiteto italiano Luís signorelli, o Grande Hotel foi inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas. Luxuoso, atrai a atenção pela magnificência , possuindo quatro fachadas ;duas laterais, uma frontal e outra superior. Nos diversos ambientes destacam-se o mobiliário, lustres com cristais da boêmia , pisos em mármore carrara, belíssimos afrescos e vitrais.

O luxo dos recintos espelha o marco de uma época. Merecem atenção especial o salão de leitura , o *scoth bar* em estilo inglês salão mármore com o salão de festas (onde funcionou o cassino) e as suítes presidencial e governador. Pelos corredores e salões circulavam atrizes famosas, cantoras da antiga Era do Rádio, homens importantes. O hotel , sem dúvida, foi palco de grandes decisões. Os presidentes da Nova República sempre prestigiaram e visitaram o Grande Hotel do Barreiro.

Atualmente, mesmo com o hotel restaurado – respeitando suas características originais – o número de visitantes não parece ser comparável aos chamados "áureos tempos". Alguns fatores contribuíram para que esse declínio ocorresse: o descaso de alguns governantes, a manutenção dispendiosa e a vida moderna que trouxe aos brasileiros várias opções de entretenimento e diversões. Nas décadas de 40 e 50, o Barreiro era cercado de "glamour" e sofisticação, sendo o retrato de uma época de extremo nacionalismo no país. Com a proibição dos jogos no Brasil, o barreiro fechou as portas do seu cassino. Atualmente, alguns não descartam a hipótese de reabrí-lo, se por ventura os jogos forem legalizados.

Águas especias

Proveniente de rochas vulcânicas, as águas de Araxá são alcalinas, sulfurosas e radioativas. Seus lençois freáticos são compostos de importante minerais indicados no combate de diversas enfermidades: diabetes, metabolismo lento, debilidades motoras, problemas de pele, males do rins, fígado e estômago. As águas tornaram-se mais um diferencial para o Grande Hotel do Barreiro. Esse potencial da natureza foi aproveitado através das termas em banhos de imersão. A piscina emanatória de água radioativa é indicada para o relaxamento dos músculos e equilíbrio do sisteme nervoso e os banhos sulfurosos são apropriados para melhorar a circulação sangüinea e tratamento de pele. Já os famosos banhos de lama possuem propriedades hidratantes, revitalizando a pele e tratando de problemas reumáticos.

No acesso principal, com *foyer* circular, encontra-se uma rotunda com vitrais que retratam as conquistas Minas Gerais e o mapa do estado no centro. No piso do hall, se encontra o desenho de uma mandala em forma de uma estrela de oito pontas. Contrastando com a beleza dos afrescos que registram a colonização de Araxá e a trajetória dos bandeirantes na região. Ainda hoje, o grande Hotel e Termas do Barreiro, com 55 anos de história e um investimento total de sua reforma orçado em R$ 250 milhões, nos delicia e impressiona.

issuu-downloader.com

Ecologia

Empresa de mineração investe em preservação ambiental

CBMM, sediada em Araxá, trabalha na extração do Nióbio e exporta o minério para vários países

fotos: Leonardo Boloni

Alunos de Jornalismo, sob a supervisão da professora Maria de Fátima, visitaram a empresa em março

Cícera Gonçalves
5° período de Jornalismo

A CBMM (Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração), fundada em 1955, é responsável pela extração do *pirocloro* portador do *nióbio*, minério utilizado pela indústria siderúrgica para melhorar a qualidade dos aços utilizados na construção civil, indústria automobilística e na fabricação de tubulações para a condução de gás e petróleo. Classificada como uma das maiores empresas do ramo no mundo, ela é responsável por 64% da arrecadação tributária de Araxá (MG).

Enquanto a maioria das empresas de mineração usam explosivos para a retirada do minério a CBMM utiliza pás carregadeiras para mover a terra e extrair o minério. Da mina o resíduo é transportado por caminhões até o ponto de alimentação da correia, num percurso médio de 700 metros. Essa mina é regada com água para evitar a geração de poeira no ar.

A atividade extrativista é por natureza degradadora ao meio ambiente e irreversível. Para contrabalancear essa situação a empresa desenvolve, como determina a legislação ambiental, projetos que visam amenizar o impacto causado. A emrpesa dispõe de um viveiro de mudas para arborizar a cidade e controla a emissão de fumaça preta de seus veículos movidos a diesel.

Preservação ambiental

O CDA (Centro de Desenvolvimento Ambiental) é composto por um criadouro de animais silvestres, com finalidade conservacionista, regularizado pelo Ibama; por um viveiro de mudas e pelo núcleo de Educação Ambiental. Larissa Veloso, engenheira ambiental da empresa explica que a ênfase deles é a reprodução de animais em extinção dentro do cativeiro. Ela citou como exemplo o lobo guará que dentro de uns quatro anos poderá sair da lista dos ameaçados. No centro são realizadas atividades de educação ambiental durante o ano para funcionários, alunos e professores das escolas estaduais e particulares de Araxá.

No criadouro são desenvolvidas pesquisas científicas ligadas à área de alimentação, reprodução, imunologia e manejo de animais, intercâmbios técnicos e de animais com outros criadouros e zoológicos do Brasil e do mundo. São cerca 350 espécies de mamíferos já pesquisadas.

As 109 espécies de plantas no viveiro de mudas são nativas da flora do cerrado, êndemicas do Brasil e com espécies exóticas. As mudas são: Jatobá, Copaíba, Imbiruçu, Mulungu, Ipê-Amarelo, peroba, Jequitibá e Cedro. Estas são utilizadas para o reflorestamento e paisagismo da empresa.

Parceria com a comunidade

A CBMM (Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração) também desenvolve projetos com a comunidade. Na área de urbanismo, em parceria com a prefeitura de Araxá , a empresa contribuiu com o projeto de arborização da cidade. A zona rural também foi contemplada com a distribuição de mudas de eucalíptos para os fazendeiros da região.

Na área educacional a empresa mantém o Centro de Desenvolvimento Humano que prepara crianças de um a seis anos par o ingresso na escola. É atribuição deste Centro além de orientar os pais no trato de problemas básicos como a nutrição, saúde e outras questões relevantes para o exercício da paternidade responsável.

A CBMM proporciona auxílio educação para os funcionários e seus depetendentes cobrindo 50% dos custos da escola do ensino fundamental, 70% do ensino médio e 80% do universitário.

O extrativismo

O minério de nióbio possui cerca de 5% do mineral denominado pirocloro. O minério residual possui até 250 metros de espessura, o que é chamado de minério lavrado. Somente as reservas existentes no minério residual são suficientes para suprir o mercado mundial de nióbio, considerando o mercado atual, por vários séculos. Outro tipo de minério é o primário que é uma rocha inalterada que possui também o pirocloro.

A extração de minério pode ser perigosa, exige-se roupas adequadas, e maquinários. No entanto o trabalhador não deixa de correr riscos.“na extração do minério existe risco para os trabalhadores mas existe um controle operacional para que nao aconteça nada” conclui Bruno Reifel, coordenador da área de meio ambiente da CBMM. Como qualquer outro mineral, o meio ambiente e os funcionérios que trabalham na empersa estão expostos aos riscos de acidentes e contaminação. A empersa tem uma peocupação em relação a isso e busca a segurança de seus funcinários e ao meio ambiente.

Projeto ambiental visa preservar animais em esrtinção, como o Tamanduá-bandeira

Certificados da empresa.

A CBMM conseguiu em 1997 o certificado ISO 14 001, tornando-se a primeira companhia de mineração e metalurgia a receber este certificado para um sistema de gestão ambiental . O certificado se aplica a todos os processos de produção da CBMM. A ISO 14001 é uma norma de gerenciamento das atividades da companhia que têm impacto no ambiente.

Em 1994, a empresa conseguiu o ISO 9002 na fabricação de FENB(ferro nióbio) em forno elétrico, com 22,8 mil toneladas de FENB por ano. Este certificado cuida dos sistemas de gestão de qualidade.

Mesmo com todos estes certificados, reconhecidos mundialmente, paira uma dúvida, entre os movimentos ecológicos, sobre a eficiência destas normas e padrões e se eles são capazes de evitar que os efeitos da extração do minério não comprometa o ecossistema e consequentemente a saúde da populacão.

issuu-downloader.com

Não enrole.

Comece logo a

criar e produzir

suas idéias.

O Festival

Universitário

do minuto,

vem aí.

UNIVERSIDADE DE UBERABA

festival universitário do minuto

issuu-downloader.com